

PEDAGOGIAS DO ENVELHECIMENTO MASCULINO

Sérgio Lasta¹

Resumo: Pedagogias do envelhecimento masculino retrata como os homens tendem a sentir e perceber o próprio envelhecimento. Como vão percebendo seu corpo que aos poucos vai perdendo muito do vigor da juventude e como se sentem vistos pela sociedade. Para esta pesquisa utilizei o método de entrevistas semi-estruturadas para ouvir depoimentos de cinco homens na faixa etária entre sessenta a setenta e cinco anos. Falaram, nas entrevistas semi-estruturadas, de suas vidas e como se percebem, como olham seu próprio corpo e como se sentem olhados. São percepções e olhares que denotam as pedagogias do envelhecimento nas quais cada indivíduo a sente à sua própria maneira. Também tensiona e reflete como a sociedade lida com o envelhecimento. Esta pesquisa entende que: envelhecer não é para os fracos.

Palavras-chave: Envelhecimento. Pedagogias. Masculino. Sociedade.

Pedagogies Of Male Aging

Abstract: Pedagogies of male aging portrays how men tend to feel and perceive aging itself. How they perceive their body that gradually loses much of the vigor of youth and how they feel seen by society. For this research I used the method of semi-structured interviews to hear testimonies from five men aged between sixty and seventy-five years. In semi-structured interviews, they talked about their lives and how they perceive themselves, how they look at their own bodies and how they feel looked at. They are perceptions and views that denote the pedagogies of aging in which each individual feels it in their own way. It also tensions and reflects how society deals with aging. This research understands that: aging is not for the weak.

Keywords: Aging. Pedagogies. Male. Society.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Petrópolis, Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria, Doutorado em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (Canoas, RS) e professor na Faculdade Palotina – FAPAS – em Santa Maria, RS. Email: lastasergiolasta@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como finalidade retratar o corpo e o envelhecimento masculino e entender que retratos corporais começam a se delinear com a proximidade da velhice. Atento aos detalhes do cotidiano, observei corpos envelhecidos e as sensações em mim despertadas enquanto pesquisador e entendi que não é possível ser totalmente racional, pois pesquisar envelhecimento rompe com a racionalidade crítica, mas isso não significa que não haja cientificidade.

A partir dos referenciais teóricos existentes construo um pensamento sobre o tema retratos corporais masculinos, e na análise das entrevistas faço o enlaçamento desses referenciais teóricos e demonstro como os sujeitos entrevistados olham para o envelhecimento que se aproxima.

Para essa pesquisa, as entrevistas foram realizadas com homens porque, no meu entender, existem poucos textos que se refiram ao corpo masculino no envelhecimento. Porém, fiz um caminho inverso: após a observação de idosos foram feitas as entrevistas com homens que estão próximos do envelhecimento e como percebem a passagem do tempo.

A metodologia usada nesta pesquisa foi história de vida e, segundo Alberti (2005), o aspecto relevante da história de vida é que o pesquisador pode se mover num terreno multidisciplinar por se prestar a várias abordagens. E o pesquisador pede que os entrevistados falem sobre um aspecto de sua vida que seja do seu interesse (ALBERTI, 2005).

Através dos relatos dos entrevistados, percebi o social retratado em seus corpos, porque, para Kofes (2001), os sujeitos são sociais e estão no entrecruzamento das suas relações, além do que “[...] a experiência de um

sujeito não escapa das concretudes sócio-culturais que tenazmente o realizam enquanto pessoa” (KOFES, 2001, p. 13).

A história de vida é, de acordo com Víctora (2000), uma reconstrução que se baseia na memória do indivíduo, o que pode levá-lo a ser seletivo e omitir ou acrescentar fatos, porque avalia as expectativas do pesquisador. Ao mesmo tempo em que o indivíduo fala de si se refere também ao social, ao cultural e ao histórico do espaço onde viveu e ainda vive.

2 Objeto, objetivos e questões norteadoras

A partir das leituras para objetivar a pesquisa percebi que um objeto de investigação é construído, ou seja, o conhecimento científico se conquista, se constrói e se comprova. Segundo Bachelard (1987) trata-se dos níveis epistemológicos (conquista), metodológicos (a construção) e tecnológicos (a comprovação) da prática que é reconhecida como investigação científica e social e pela falta de um conhecimento imediato.

A falta do conhecimento imediato está mediada pelo não saber que impulsiona a formalizar a investigação do fenômeno que se quer conhecer. É um fenômeno de investigação que proporciona a construção do objeto, traça os objetivos a serem alcançados, leva à formulação de perguntas para desenvolver um tema e chega-se ao sujeito da pesquisa que é o detentor do saber e do conhecimento com seu patrimônio individual, social e cultural dentro de um contexto histórico.

Construir um objeto de investigação para as Ciências Sociais significa objetivar um sujeito e um saber atribuído a tal subjetividade no qual o sujeito é quem fala. Para isso é necessário saber quem é esse sujeito porque não se pode falar daquilo que não se conhece. Portanto, procurei conhecer em profundidade

o universo dos idosos para saber em que terreno estaria pisando para construir o objeto de pesquisa.

O objeto para esta pesquisa foi criado segundo meu próprio ponto de vista, um produto do pensamento e das próprias concepções e, com isso, haver aproximação do objeto e manter sua autonomia fora da mente. Ao criar esse objeto surgiram novas perspectivas para abordar o envelhecimento e a proposta foi fazer uma sociologia espontânea ao tratar dos retratos corporais masculinos e transitar por outras ciências que possam contribuir para a construção da pesquisa.

Logicamente que a construção dessa pesquisa não partiu do nada, mas foi gerada ou gestada pelo pesquisador e, para elucidar esse estudo, foi necessário que o tema e o objeto fossem projetados na sociedade e ali encontrar um espaço onde fosse possível observar o objeto e encontrar indivíduos que se dispusessem a falar, ou seja, que pusessem em palavras o desejo de conhecer. A partir disso e do conhecimento prévio sobre o universo dos idosos, houve um mergulho em profundidade ao estar inseridos num espaço de idosos para ter como referência os sujeitos entrevistados.

Ao conhecer o universo dos idosos fui percebendo que novas configurações corporais começam a ser construídas e isso instala outro olhar sobre o próprio corpo e outro olhar da sociedade para com esses indivíduos. Os indivíduos começam a perceber que estão se tornando outra pessoa e, às vezes, não se reconhecem mais, e isso parte tanto dos próprios idosos como da sociedade. Portanto, há uma troca de olhares entre sociedade e indivíduo mediada pelo autor desse estudo que faz o cruzamento entre os referenciais teóricos e as entrevistas.

Essa proximidade criou empatia e relação dialógica para as entrevistas que fluíram com profundidade e os entrevistados relataram como estão

percebendo o envelhecimento que se aproxima. Com isso quero dizer que, de certa forma, esse estudo despertou paixões pelo tema e pelo objeto e isso impulsionou a buscar respostas.

As respostas foram dadas pelos idosos ao perguntar: como se veem a si mesmos e se sentem vistos corporalmente pela sociedade? Para os entrevistados a questão norteadora foi: como estão percebendo o próprio envelhecimento que se aproxima, ou seja, como se sentem olhados e como se olham a partir dessa perspectiva? Todos falaram desse outro retrato corporal que começa a se espelhar diante do envelhecimento.

Para buscar as respostas que estava procurando, parti de alguns referenciais teóricos, o que Fleck (2010) chama de protoideias ou pré-ideias. Protoideias ou pré-ideias são conhecimentos existentes sobre um determinado tema e, a partir dos quais, construí outro pensamento sobre corpo e envelhecimento, desenvolvemos nosso próprio estilo de produzi-lo.

A partir dos referenciais teóricos percebi a grande variabilidade de significações o que torna o corpo um fenômeno complexo. Conforme Delgado (2010) o corpo está dotado de significações que regem o contato com a realidade e com a sociedade; revela experiências particulares, sociais e interfere na sociabilidade dos indivíduos, ou seja, um corpo que produz discursos sociais.

Existem muitos discursos sociais sobre o corpo que está carregado de significados e que o marcam simbólica e materialmente (FEATHERSTONE,1991; Moraes, 2011; KOFFES, 1989; LOURO, 2004). Há um vínculo estreito entre corpo e sociedade (LE BRETON, 2007) e cada indivíduo expressa em seu corpo sua individualização (MAUSS, 1974) e, também, carregado de subjetividade (BEAUVOIR, 1970); que vai além da aparência física (RAICH, 2000). As relações interpessoais produzem sentimentos no indivíduo em relação ao seu corpo (SCHILDER,1994).

A velhice produz diariamente seus discursos e retrata os corpos. Isso ressignifica e reconstrói conceitos sobre o envelhecimento e o corpo, denota a multiplicidade do significado de ser velho porque não há fixidez, mas construção e reconstrução de conceitos em relação à velhice. Pois, como escreveu Cícero (1997) a velhice é sempre atarefada, ocupada, fervilhante e que os velhos buscam coisas novas.

No envelhecimento o corpo está em evidência e mostra sua face e que não tem mais a mesma força, agilidade e não atende mais a todas as vontades. Isso reflete o que um entrevistado comentou: “a velhice me pregou uma peça”. Isso me lembrou uma frase do filme O Quarteto (INGLATERRA, 2012) em que um dos personagens diz: “Envelhecer não é para maricas”. Na verdade significa que envelhecer não é para os covardes, mas para os fortes.

Envelhecer é para os fortes porque fui entendendo que enfrentar o envelhecimento e tudo aquilo que o envolve não é uma tarefa simples. Enfrentar dores, limitações e, ainda assim, ter desejo para continuar a existir exige força e coragem. E um dos entrevistados disse: “Ainda falam que a velhice é a melhor idade!”.

Cada indivíduo tem seus próprios conceitos sobre o significado de envelhecer. Por isso que envelhecer é um fenômeno heterogêneo, multicausal e multifatorial (ARAÚJO et. All., 2011). Sobre isso os citados autores escreveram que as mudanças corporais são construídas e reconstruídas por processos históricos e culturais e como as pessoas idosas representam o seu envelhecimento. “Assim, a velhice é comumente definida como uma época em que o indivíduo passa por muitas perdas...” (ARAÚJO, et. All, 2011, p. 470). O envelhecimento cria representações sociais e pode provocar uma não identificação por partes de muitos indivíduos nessa fase da vida.

Quando chegam à velhice ou percebem que estão muito próximos, os indivíduos tendem a mudar suas percepções sobre o corpo em razão das representações que existem sobre ele. A imagem muda repentinamente, os corpos não têm mais o vigor da juventude. Outras vezes são corpos negados, que estão na fronteira entre a estética e a decrepitude (NOLASCO & NORONHA, 2019).

3 Retratos corporais masculinos no envelhecimento

Os retratos corporais vão passando por mudanças com o passar do tempo e, no envelhecimento, tendem a se acentuar, e a sensação que muitos indivíduos têm é de que se converteram em outra pessoa (BEAUVOIR, 1970). Seus corpos ágeis, que respondiam a todos os estímulos, começam a ficar mais lentos e as funções corporais não respondem mais como era na juventude, por isso que a velhice é parcialmente difícil de assumir.

A velhice em si é abstrata, mas o corpo a representa, a expõe e isso dificulta o hábito a esse outro retrato corporal, apesar de o corpo ser o mesmo. Sobre isso cito Le Breton (2002, p. 143): “A velhice traduz um momento em que a repressão do corpo deixa de ser possível, o momento no qual o corpo se expõe ao olhar do outro de um modo desfavorável.”

Tendo presente os referenciais teóricos para esta pesquisa, os entrevistados dispuseram de seu patrimônio individual e tiveram toda a liberdade para falar do seu corpo tendo em vista o próprio envelhecimento. Falaram como estão sentindo seus corpos e as transformações que essa idade lhes trouxe e da exposição corporal ao olhar dos outros.

A proximidade do envelhecimento desperta o temor de se sentirem inúteis e precisam buscar outras opções de vida como falou um dos

entrevistados: “Psicologicamente, eu tenho medo de envelhecer? Eu não sei se eu digo que não tenho medo, pois eu não me sinto velho. Mas eu tenho muitas opções para fazer se surgirem mais limitações ainda”.

Envelhecer para este entrevistado significa não poder fazer coisas normais. Teme a dependência e disse que terá dificuldade se necessitar dos cuidados de alguém. Porém cuida da sua saúde e faz exames médicos periódicos. Pensa na velhice e tem consciência de que nesse ciclo “a coisa está ficando feia”, relatou. Teme ficar doente e debilitado, mas na atualidade percebe que seu corpo está bem e consegue trabalhar normalmente.

Segundo Balbinotti (2016), o homem, quando questionado sobre sua idade, tende a se perceber mais jovem do que a sua idade cronológica. Para a autora, a idade real do homem tende a ser aquela que sente. Isso dá entender que a dificuldade para pensar o próprio envelhecimento e pensam em uma perspectiva idealizada. Para Balbinotti (2014) também entre os homens existe uma ambivalência em relação ao envelhecimento e que pensam nisso quando sentem os abalos da saúde física e da potência sexual ou outras perdas significativas.

Seu ponto crucial será chegar aos setenta anos, por exemplo, porque acha muito agressivo e não poderá mais fazer tudo o que fazia quando jovem e, por isso, o ciclo do envelhecimento o assusta. Um entrevistado relatou como é difícil para ele não fazer mais coisas que eram normais, ir a lugares, fazer amor e tudo o que se refere ao cotidiano tende a ter limitações. Seguiu dizendo:

Na minha casa eu tento fazer todas as coisas por outras questões de saúde ou de limitações familiares que eu acabo fazendo. Para mim mesmo eu acabo fazendo as coisas porque outras pessoas não fazem por mim. Então, eu acredito que isso será uma dificuldade que terei e irá chegar o momento em que terei que abrir mão e as pessoas irão, ou me trazer um copo de água, ou me trazer a comida até a mesa, ou fazer a comida para mim, ou buscar e me

levar no médico. Isso eu chamo de envelhecimento, talvez sadio na cabeça e limitado no corpo.

Dentre os entrevistados há quem tenha encontrado suas próprias opções para o envelhecimento e comentou:

A vida evolui sempre, para mim é sempre uma evolução, qualquer coisa que aconteça, até mesmo na desgraça, na fatalidade, acontece e tem que valorizar, porque em um lado bom. Não se pode levar pelo lado ruim da coisa e esquecer o bom. Eu valorizo tudo o que fiz até hoje. Antes de me queixar eu penso que irá passar e melhorar, isto é, tento pensar positivamente. Me amo, amo a vida e...

Porém, há quem ache a vida uma desgraça com a configuração corporal do envelhecimento:

Não quero envelhecer, ficar com a pele enrugada, tudo flácido, caindo, não funcionando; ficar lento para sentar e levantar por exemplo, ser chamado de velho, coroa. Não me imagino em filas especiais de idosos nos bancos, casas lotéricas por exemplo. Estar ali denuncia que estou velho. Ter uma vida de limitações, medicamentos como vejo muitos velhinhos por aí. Olha, envelhecer é a pior desgraça para mim.

Porém outro lida bem com a proximidade do envelhecimento, acha normal pensar o que irá acontecer com ele ao olhar para si mesmo:

Lógico, hoje me olho no espelho e não tenho mais o corpo que eu tinha há trinta anos atrás. Houve uma mudança, mas faz parte do normal, da evolução da vida. Eu tinha um físico parecido com o de um atleta profissional, mas altura não. Tudo encima. Mas nunca esquentei a cabeça com isso.

Outro entrevistado relatou como está sentindo o envelhecimento que vai chegando:

O envelhecimento estou sentindo aos poucos. Não faço mais tudo o que fazia antes, agora me canso facilmente. Não jogo mais futebol como gostaria, sinto que minhas capacidades físicas estão diminuindo, comecei procurar médicos

com mais frequência, restrições alimentares. Comer é um dos prazeres na velhice, mas tenho que me cuidar. Namoro menos.

Essas experiências poderão nortear o envelhecimento dos sujeitos e como estão olhando para essa perspectiva de um corpo que se torna ingovernável e não obedece mais às suas vontades. Debert (1999, p. 79) escreveu em relação a isso: “O declínio inevitável do corpo, o corpo ingovernável que não responde mais às demandas da vontade individual é antes de tudo percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade.”

O filósofo italiano Agamben (2017, p. 105) escreveu sobre a percepção do corpo e que “a primeira é percepção do corpo do outro” O corpo do outro não é percebido como inerte, “mas como corpo vivo, dotado, assim como meu, de sensibilidade e percepção.” O que entra em jogo é a própria intimidade e a constituição do eu. Por outro lado, articulando com o autor citado, no envelhecimento poderá haver uma desapropriação do próprio corpo.

Le Breton (2002, p. 144) disse que o corpo lentamente vai escapando do sujeito que envelhece: “Com uma lentidão que escapa do entendimento, o tempo se agrega no rosto, penetra nos tecidos, debilita os músculos, diminui a energia, mas sem traumatismos, sem ruptura brutal.”

Até aqui se percebe como os entrevistados olham para o seu envelhecimento, porém um deles relatou sobre a invisibilidade dos idosos na sociedade:

O idoso passa a não existir. O desrespeito é grande, as pessoas passam e dão trombada porque se anda lento pelas calçadas, não pedem desculpas, batem com as sacolas como que se estivessem dizendo que o velho atrapalha. O velho não é mais visto, a fila de idosos não é respeitada; praticamente não veem os velhos, não é mais respeitado.

Ser olhado como velho, nesse futuro não tão distante, os deixa chateados que, por outras palavras, manifestaram que perder o corpo jovem também significa sujeitar-se a outras formas de serem olhados. Observei que a valorização do corpo jovem cria o que escreveu Bizerril (2010) um sistema de normatização do corpo disciplinado pela estética, pela saúde, pela sexualidade e pela beleza, e compreendi aquilo que Lovisolo (2006) chamou de jubesa (juventude, beleza e saúde) e sobre isso escreveu o autor:

[...] o bom velho, aquele admirado, já não é o mais experiente, o narrador das experiências sob a forma de estórias, mas sim, aquele que parece mais jovem sob o ponto de vista corporal ou pelo estilo de vida. (LOVISOLO, 2006, p. 163).

Os retratos corporais convertem os idosos em outros através do olhar da sociedade. Ao se sentirem vistos como velhos significa serem olhados como acabados, impotentes, e isso os angustia como um deles falou:

Eu era elogiado quando mais jovem, diziam que eu era bonito e agora não ouço mais aqueles elogios e sinto meu corpo desaparecendo na minha frente e eu não posso fazer nada. As pessoas me olham diferente ou dizem: olha que coroa bonito, sexi! Isso me irrita, estão me chamando de velho ou dizem que serei um velhinho bonitinho, odeio isso, não querem dizer que estou ficando velho e feio. Saber que ficarei velho é difícil e complicado. Tem vezes que prefiro nem pensar nisso.

Ao denunciar a passagem do tempo, os retratos corporais anunciam a velhice que se aproxima e é, também, pelo olhar do outro que o envelhecimento começa a se delinear:

Meu corpo denuncia a passagem do tempo. As pessoas me dizem que estou ficando velho, acho que a gente se sente envelhecido pelo olhar dos outros e passei a me olhar como alguém que está envelhecendo. Nesse ponto a vida é cruel, porque no melhor momento da minha vida eu começo a envelhecer e

sentir as limitações. Hoje tem coisas que eu não faço mais ou faço com dificuldade. Acho que é uma peça que a vida prega na gente.

No entendimento desses trechos das entrevistas percebo o quanto é difícil assumir a velhice e as novas configurações corporais que entram em cena e os sujeitos se sentem em transformação como afirma Beauvoir (1970, p.301): “A velhice é difícil de assumir porque sempre a consideramos como uma espécie estranha: eu me converti em outra”

Existe uma tendência em olhar o desgaste interno e externo do próprio corpo, não havendo referências à beleza física e pouco se identificam com seu corpo. As imagens do corpo tendem a ser negativas, sobretudo na mídia o que inclui desânimo, vulnerabilidade e incapacidade (ARAÚJO et. All, 2011).

Para Le Breton (2002) existem estigmas sobre o envelhecimento e os retratos corporais que denotam a encarnação do reprimido, da precariedade e da fragilidade. Acrescentou que a sociedade cultua o jovem e o belo e não simboliza a velhice e nem a morte, e o envelhecer ocupa o lugar da anomalia e, juntamente com a morte, encarna a irredutibilidade do tempo no corpo. Esse corpo poderá ser relegado ao esquecimento e o idoso ser visto como se não tivesse história e não ser mais olhado como sujeito. Escreveu Le Breton (2002, p. 143):

O envelhecimento, termo ocidental, nasce da progressiva redução do corpo, uma espécie de vassalagem a uma dualidade que opõe sujeito e corpo e que o faz sob a dependência deste último. A velhice traduz um momento em que a repressão do corpo deixa de ser possível, o momento no qual o corpo se expõe ao olhar do outro de um modo desfavorável.

Esses estigmas do envelhecimento foram relatados pelos entrevistados ao se sentirem vistos como impotentes, que atrapalham, não serem vistos pelas

pessoas. Ilustro esses estigmas com Cícero (1997, p. 24): “Pior, na velhice, é sentir que desagradamos a todo o mundo.”

Outras vezes a velhice estigmatizada está associada à doença, ou seja, ser velho significa o que um entrevistado relatou:

Eu não quero envelhecer, mas isso é impossível impedir. Não quero ser visto como decadente, impotente ou doente. Ser chamado de velho significa ser visto como alguém que está no fim da vida, gasto, ultrapassado.

Outro entrevistado falou sobre os estigmas do envelhecimento e teme prolongar o sofrimento:

Não me vejo prolongar o sofrimento, a minha vida limitada em cima de uma cama, hoje me vejo assim: vem uma doença e morre, me vejo mais ou menos dessa forma, eu vou definhando dentro das coisas normais.

Sobre esse mesmo tema outros ainda comentaram que temem o próprio sofrimento e o dos outros, portanto é preciso se preparar para envelhecer, ir se acostumando com os novos retratos corporais que começam a se formar ao se olhar. Esses temores possibilitam que sentimentos como impotência e cansaço se incrementem, pois a juventude ainda é vista como um ideal de corpo. Predomina o modelo biomédico que enfatiza ainda a doença e a negatividade do corpo na velhice (ARAÚJO, et. All, 2011).

Pelos relatos dos entrevistados percebi que envelhecer não afeta somente o corpo, mas também a linguagem dos sujeitos e o seu vocabulário. Observei isso quando falaram de um corpo feio; termos como acabado, em decadência, limitado, em declínio. Assim muitos sentimentos se misturaram. Enquanto falavam da sua juventude os termos usados foram: vigor físico, desempenho sexual satisfatório, agilidade, pele lisa e sem rugas. Ao falarem do envelhecimento esses vocábulos desapareceram.

Percebi que há interiorização do olhar da sociedade em relação aos seus retratos corporais. Em relação a isso observei que existem preocupações de como são retratados e a palavra legitima o que simbolicamente o corpo representa através do seguinte relato:

Sempre me preocupo como estou sendo visto pelos outros e geralmente acho que estão me vendo de uma forma negativa, olhando meu corpo e debochando como se dissessem: está velho, hein?

Sobre esses sentimentos e como se sentem vistos, outro aspecto importante comum é a vergonha do corpo:

Tenho vergonha do meu corpo, por isso evito me expor muito. Acho que irão rir de mim, das minhas rugas, músculos flácidos, a barrida caindo. Tem vezes que evito me olhar no espelho e, muitas vezes, não gosto de olhar. Temo não fazer tudo o que ainda faço. Começo a sentir dores que nunca tive. Canso com mais facilidade. Tento ultrapassar os limites. Sinto que não deveria mais fazer certas coisas que fazia.

Escrevo ainda mais alguns relatos de como a linguagem retrata o corpo desses homens entrevistados:

Eu me lembro (falando da infância e da juventude) que minha mãe dizia que eu era bonito, forte e saudável. Outras pessoas também me diziam isso. Atualmente sinto que não me falam mais isso. Não sou mais elogiado. Queria me manter como era, mas o corpo está mudando e irá acelerar mais ainda essa mudança.

Percebe-se que a imagem do corpo na velhice ainda está associada à incapacidade, perda da força, da habilidade. O envelhecimento sendo visto ainda como um momento improdutivo (ARAÚJO et al. 2011).

Elias (2010) relatou como os retratos corporais vão se delineando na vida dos indivíduos e como sentem as mudanças corporais com o passar do tempo e, ao chegar à velhice, é como se algo inimaginável acontecesse:

Não é fácil imaginar nosso próprio corpo tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis pode ficar vagaroso, cansado, desajeitado, impotente. Não podemos imaginá-lo e no fundo não o queremos. (ELIAS, 2010, p. 80).

A linguagem repleta de palavras elogiosas começa a dar lugar para outros sentimentos em relação ao corpo e denotam temores e expectativas. Sobre isso um dos entrevistados falou:

Tem vezes que tenho raiva da velhice. Raiva desse corpo que me pregou uma peça, me pôs numa armadilha, enrascada e numa encruzilhada. Esse corpo me dá raiva. Preciso ir me acostumando com ele, com essas mudanças todas que começam a acontecer. Sinceramente, às vezes me dá ódio de saber que estou ficando velho.

Há quem saiba que não tem mais como parecer um garotão na velhice e tem consciência do envelhecimento e das mudanças corporais irreversíveis: “Não adianta disfarçar fazendo plástica, baixar a barriga para se sentir um garotão; barriga tanquinho não faz minha cabeça.”

Para Louro (2004) os corpos carregam marcas e suas características têm significados culturais que os distinguem e são lidas de formas distintas em diferentes culturas. Os entrevistados também demonstraram que possuem retratos corporais distintos, mas que se conjugam em muitos aspectos como manifestaram alguns : “Eu não quero envelhecer. Sei que é inevitável. Mas ficar velho será se sentir obsoleto, fora de moda, enrugado, flácido.”

Outro ainda acrescentou:

Ficar velho é ser doente, tomar medicamentos que eu detesto. O corpo não funcionar mais como funcionava quando era jovem. Ficar velho me dá a impressão que se fica feio, cheira mal, mau hálito, parece cheiro de morte e de morto.

Outro entrevistado disse que a velhice é feia e a odeia. Enquanto que outro comentou que sabe das consequências da velhice, que tudo vai ficando mole, flácido, caindo, mas que isso é natural. E Cícero (1977, p. 25) comentou sobre as transformações do corpo: “A falta de vigor. É o segundo inconveniente suposto da velhice. Confesso não sentir essa falta; tampouco quando adolescente eu lamentava não possuir a força do touro ou do elefante.”

Apesar de haver conotações negativas em relação aos retratos corporais na velhice masculina, todos relataram que se sentem realizados na sua profissão e na vida familiar. Foram unânimes em relatar a decadência física, há quem as aceite bem e outros não. O difícil para eles é tolerar os limites físicos que atravessam o próprio corpo e as marcas corporais legitimam o próprio envelhecimento e seus corpos “são marcados pelo social, simbólica e materialmente pelo próprio sujeito e pelos outros” (LOURO, 2004, p. 83).

As entrevistas mostraram que o corpo é uma construção, tem sua configuração e carrega marcas diferentes de acordo com o tempo, a cultura, a sociedade e a história de cada sujeito. Não há uma configuração universal e um paradigma único que modela e retrata os corpos. Portanto, segundo Louro (2003, p. 28):

O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível de inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele se produz e reproduz.

Ilustro esse contexto anteriormente, expondo a fala de um dos entrevistados:

Sinto que meu corpo não é mais o mesmo e vai mudar ainda mais. A sociedade quer que sejamos jovens, mas como ser jovem até o fim? Impossível. Estou ficando velho, eu sei e isso muda minha forma de me ver e ser olhado; o que pensava de mim e o que penso agora, como vejo o mundo e as outras

peçoas. Tudo ao meu redor muda a forma como eu olho e como sou visto e até os lugares que eu frequento.

Os entrevistados falaram que o corpo não é algo fixo, mas dinâmico. O corpo é o mesmo, mas, por outro lado, se converte em outro (BEAUVOIR, 1970). Portanto, os retratos corporais não são representações universais e nem fixas, mas temporários, passageiros, inconstantes, produzidos e reproduzidos (LOURO, 2003).

Os retratos corporais são produzidos e reproduzidos segundo os locais que o indivíduo frequenta e em outros momentos dizem aonde ir e o que fazer, aonde não ir e o que não fazer. Sobre isso um entrevistado relatou que seu corpo não estava de acordo com a configuração esperada pela sociedade onde viveu: um corpo forte; para outro: um corpo com mais estatura física. E sobre os lugares em que vivem e que mudam com a velhice um deles relatou:

Não vou aos mesmos lugares que frequentava quando mais jovem. Sinto que tem lugares de que eu gostava e aos quais agora não vou mais. Na medida em que se fica mais velho a gente vai mudando quase tudo. Imagina, eu numa balada de adolescentes com essas roupas que eu uso? Usar a roupa deles, jamais. Acho que iriam rir de mim e dizer: o que esse velho faz aqui? Iriam pensar que estivesse atrás de garotinhas como sei que muitos velhos fazem.

Outro acrescentou:

Prefiro ficar mais em casa, lugar silencioso, sair para passear com minha esposa no final da tarde. Tem certas coisas que não posso fazer mais. Se eu fizer seria ridículo. A aparência de velho conta muito como a gente é olhado pelos outros.

E mais um disse: “Velho tem que ficar em casa. Na rua atrapalha os outros porque caminha devagar. Demoram para entrar e sair de algum lugar ou se sentar e se levantar.”

Olhando assim, o corpo é produto de uma construção e isso cria subjetividades como escreveu Louro (2003, p. 40):

Um corpo que, ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura.

Ao revelar o próprio eu, os retratos corporais no envelhecimento repercutem na convivência dos sujeitos com o meio social, como relatou um entrevistado:

Tenho vergonha para falar do meu corpo quando comecei a perceber algumas mudanças. Eu sofro com isso, me isolo e fico no meu canto pensando nessas coisas. Sinto-me deprimido em alguns momentos. Não está sendo fácil.

Esse mesmo entrevistado seguiu falando o que o envelhecimento está revelando para ele mesmo e qual retrato corporal começa a se delinear: “Não aprendi a viver com o envelhecimento, temo a solidão, a impotência sexual, músculos ficando flácidos, a dependência dos outros.”

A ideia passada pelos sujeitos das entrevistas se refere à juventude como fase da felicidade e que a sociedade centra seu olhar nos jovens, apesar do crescimento da população idosa. Mas dentre eles outra ideia comum é que se pode envelhecer bem e feliz. Não relataram desespero pelo envelhecimento que se aproxima, mas sentimentos em relação à velhice e sobre as transformações dos seus retratos corporais. Ilustro com a fala de um entrevistado:

O que se vê na sociedade é a centralização na juventude. Parece que para ser feliz tem que ser jovem. Não acho isso, um velho também pode ser feliz apesar das limitações do corpo e isso não tem como mudar ou evitar. Sinto que sou visto como alguém que está envelhecendo, mas quero envelhecer rodeado das pessoas que amo.

Representa, o que disse esse entrevistado, a importância de envelhecer e permanecer com a família. Sobre isso outro sujeito comentou:

Sou respeitado pelos filhos e pela esposa. Porém seria importante sermos educados para envelhecer porque não se prepara as pessoas para o envelhecimento. Deveria haver educação para ensinar a ficar velho e se preparar para entender os limites do corpo, as dores, para as coisas que não se pode mais fazer, perder a carteira de motorista por exemplo.

Para eles há um engano propagado pela mídia e por certos ditados que se referem à velhice em relação aos retratos corporais:

Melhor idade uma ova! A gente sente dores, os músculos doem e ficam flácidos. Isso é um engano. Começam a surgir doenças e temos que tomar medicamentos. Não me venham falar em melhor idade!

E outro acrescentou:

A mídia passa uma imagem de usufruir de viagens, passeios, bailes, festas, namoro, mas nem todos podem. Os medicamentos são uma ilusão, não irão curar. Deveria haver uma educação para que não se tornem velhos doentes.

Por outro lado deram a entender que quem aceita a velhice se sente melhor. Entendo, assim, que falaram em aceitar a construção de um outro retrato corporal. Apesar de saberem que são naturais as dores um entrevistado comentou: “A questão é aceitar o termo velho e é verdade, mas com prazer de viver”.

Devido à idade com limites é preciso ter cuidados e outro temor é o prolongamento do sofrimento na velhice:

Se é para morrer, morre. Não me vejo prolongar o sofrimento, a minha vida limitada em cima de uma cama, hoje eu não me vejo assim. Vem uma doença e morre, me vejo mais ou menos dessa forma, eu vou definhando dentro das coisas normais.

Nas entrevistas fui percebendo que o corpo para eles passou a ser estranho e isso determinou a forma como se relacionam com a sociedade e com as pessoas, porque começa a acontecer uma nova construção de si mesmo, ou seja, o corpo começa a ser visto não mais com utilitarismo, mas como produtor de subjetividades.

Outro ponto importante e interessante a salientar é que essas transformações nem sempre são desejáveis e previsíveis, e sobre isso escreveu Sant'Anna (2001, p. 04):

Ao longo dos anos mudam as formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos. Talvez, por isso mesmo, não seja certo que todos os seres humanos estejam completamente habituados com os seus corpos e satisfeitas com o seu desenvolvimento. O corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas em outros, bastante desconhecido e abstrato.

Acostumar-se com o corpo que se modifica e começar a fazer a transição para um outro retrato corporal nem sempre é bem compreendido pelos homens entrevistados. Um corpo que era familiar passa a ser não familiar, precisa adquirir um novo conceito do seu próprio corpo, apesar de perceberem as mudanças que aconteceram ao longo dos anos.

Percebi que o corpo, na velhice, os novos retratos corporais têm outras conotações. Enquanto que a criança, e o adolescente desenvolvem seu corpo como sinal de evolução, no envelhecimento passa a ser sinal de involução. E isso um dos entrevistados relatou retratando o corpo no envelhecimento:

Eu estava acostumado com meu corpo atendendo a tudo o que eu queria, trabalho, agilidade, relação sexual, força física, um corpo que me dava sempre prazer e podia fazer o que quisesse, ir onde queria. E quando era jovem

pensava que nunca iria envelhecer, que meu corpo seria o mesmo até o fim. Mas de uns tempos para cá começou a mudar.

Essas mudanças em seus retratos corporais foram significativas para este entrevistado e, numa análise profunda das outras entrevistas, por outras vias, falaram do mesmo significado dessas mudanças em seus retratos corporais. E o entrevistado continuou dizendo:

Comecei a perceber essas mudanças quando completei cinquenta e três anos, hoje estou com cinquenta e oito. Percebi que minha barriga tinha crescido, pelos brancos apareceram, comecei a me cansar mais facilmente, querer ficar mais em casa, algumas rugas se acentuaram que eu não tinha percebido, ou não quis perceber. De uns tempos para cá percebi que quando fico excitado sexualmente e tenho relação sexual com minha mulher sinto que demoro para que meu pênis fique ereto, logo após ejacular amolece, pois quando era mais jovem me excitava rápido, gozava e ainda ficava com ereção. E o volume de esperma diminuiu muito. Comecei a me preocupar, fui ao médico depois de falar com minha esposa e ele me disse que é assim mesmo, sinais do envelhecimento.

Essa fala do entrevistado mostra como o corpo passa a ser retratado e as novas configurações que acontecem. Entendo que, para o homem diminuir a potência sexual, é um fator que provoca muitos sentimentos, sobretudo impotência, não somente sexual, mas frente à própria vida e à sociedade.

Sant'Anna (2001), escreveu que os retratos corporais são imprevisíveis e que os indivíduos se percebem transformados em outro o que pode provocar estranhamento dos próprios retratos corporais e, para muitos, significa a perda da sua identidade. Sobre isso um entrevistado falou:

Não adianta querer lutar contra o envelhecimento, ele vai chegar e esse é o destino de todos, sejam homens ou mulheres. O corpo vai denunciar que o tempo passou e que estamos indo para a fase final da vida. Não adianta, também, querer retardar o envelhecimento como a mídia propõe. Ele vai acontecer, o corpo não aguenta ser transformado em outro contra a sua natureza.

Outra questão interessante é como, para eles, o corpo está muito relacionado ao poder e às transformações do corpo no envelhecimento, com a consequente mudança em seus retratos corporais, configura outra forma de lidar e isso está muito entrelaçado com o sexo. Através dos entrevistados entendi que poder e sexo estão configurados concomitantemente como relatou o entrevistado:

O meu corpo era forte e agora está ficando fraco no meu entender. E ficar fraco, flácido, músculos moles, amolece também os genitais e isso para mim é o fim. Olha, nem sei como estou dizendo isso pra você, acho que é porque também é homem e vai me entender e pelo que vejo tem quase a minha idade e deve estar passando por isso. Meu pênis que era grosso ficou fino, molenga, não fica mais rígido como antes e tenho vergonha de fazer sexo com minha esposa às vezes e não conseguir. Isso foi acontecendo aos poucos.

Outro entrevistado falou da relação entre sexo e poder:

Eu me sentia poderoso, fortão, macho e viril, encarava todas as mulheres antes de namorar e casar com minha esposa. Sabe, gostava de me exhibir, hoje tenho vergonha de mostrar, tirar a cueca para fazer sexo com minha esposa. Eu vou ao médico consultar da próstata, fico com vergonha ter de ficar pelado na frente dele e meus genitais moles, caídos. Dá uma vergonha (risos).

Pelas entrevistas percebi que o envelhecimento significa a perda de poder e de prestígio. A sexualidade também faz parte dos retratos corporais no envelhecimento e isso remete à construção de gênero. Além disso, o poder está muito relacionado ao corpo, como disse um dos entrevistados:

Para o homem ser forte, macho, viril, ter um corpo erguido, peito estufado, músculos rígidos dá poder. Muitas pessoas olham e sentem isso. Mas percebo que tudo isso está indo embora. Não me vejo mais assim, vejo meus músculos amolecendo, barriga caindo sobre as calças e terei que dar um jeito de me acostumar com isso. Mesmo fazendo exercícios físicos o corpo não responde mais.

Articulando com Sibília (2015), pode-se pensar que os corpos na velhice seriam obsoletos. São corpo que também não fogem da tirania do relógio, do tempo. No envelhecimento também existe o esquadramento, o controle da sociedade sobre os idosos e estes entram em um novo compasso temporal e espacial sobretudo em um tempo que predomina o consumo e uma pressão sobre a obrigatoriedade para sermos felizes.

Para Sibília (2015) existe uma maquinaria, um aparelhamento ideológico que se pode pensar no envelhecimento a partir dessas ideias. Isso provoca um mal-estar “em meio à suposta universalização do conforto e do bem-estar asfixiante de que não há alternativas imagináveis para o projeto vigente.” (SIBILIA, 2015, p. 23). Os idosos são como “obrigados” a acompanhar a máquina do consumo porque existe todo um arsenal retórico e técnico que legitima uma certa obrigação de que os idosos precisam acompanhar para não se sentirem obsoletos ou fora do tempo.

Para Sibília (2015) nessa articulação que faço com o envelhecimento existem dispositivos de poder que operam velozmente. São dispositivos que ignoram “fronteiras: atravessam espaços e tempos, devorando tudo o que poderia ter ficado fora e desativando as alternativas que interpõem em seu caminho.” (SIBILIA, 2015, p. 29). Ou seja, existe um controle também sobre os idosos que procura enquadrá-los em padrões sociais ainda marcado pelo paradigma da juventude.

Comentários finais

Ao finalizar este relato não tenho a sensação de dever plenamente cumprido porque o desejo de continuar e aprofundar o tema persiste. Persiste porque se abriram muitas outras possibilidades e acredito que o leitor tenha

percebido o mesmo. Mas em parte foi cumprido porque houve aprofundamento do tema e ouvir o que os entrevistados falaram foi proveitoso e enriquecedor.

Através de suas falas e na análise das entrevistas foi possível compreender como eles percebem o envelhecimento e que não se pode encaixá-lo em modelos ou paradigmas apesar de haver coesões nas suas falas, entre muitos aspectos da velhice.

Ao analisar as entrevistas, fui entendendo que a configuração corporal obedece, de certa forma, a uma tradição segundo a qual a sociedade tem grande influência sobre os modelos humanos etários e isso constrói os retratos corporais numa interação entre indivíduo e sociedade.

Por retratos corporais não me referi única e primeiramente ao corpo físico, ao biológico, mas como o indivíduo se percebe, pois entendi que há uma interação entre o social e o individual na configuração dos retratos corporais. Nisso houve concordância entre os entrevistados ao dizerem como se percebem vistos, retratados, pela sociedade e como eles mesmos passaram a se autorretratar ao conviverem socialmente diante do envelhecimento que se aproxima.

Percebi que há influências tanto sociais quanto individuais em relação ao próprio corpo e entendi que em relação ao homem também existem muitas exigências sociais e, ao se aproximar o envelhecimento, os entrevistados começaram a perceber que não dão mais conta das demandas sociais. Isso provoca angústia, vergonha, não aceitação do envelhecimento e buscam maneiras de lidar com isso.

Para finalizar, concluo que os retratos corporais estão muito enlaçados com o social, com as pessoas do entorno de cada indivíduo e, apesar de haver concordâncias sobre como a sociedade retrata os indivíduos, cada um se retrata à sua maneira, pois são indivíduos singulares e dotados de flexibilidade,

capazes de incorporar ou não do seu jeito as demandas sociais que repercutem no envelhecimento.

O envelhecimento não se distancia das configurações sociais e nem das tradições às quais os indivíduos estão sujeitos. Com a aproximação do envelhecimento, os entrevistados se deram conta de que carregam o social e o cultural em seus corpos, e que ao se aproximar a velhice precisam lidar com as novas configurações de um corpo que começa a se transformar em outro, e que não dá mais conta das demandas pessoais.

Para finalizar Mauss (1974) nos ensina que o corpo ressalta as particularidades de uma sociedade, além de abordar o caráter histórico a ela inerente e observável nas alterações que ocorrem no transcorrer do tempo. Para esse autor o corpo está em processo de adaptação constante a um físico, químico e biológico e, também, por toda educação, por toda a sociedade da qual o indivíduo faz parte e o lugar que nela ocupa.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**. Belo Horizonte: Boitempo, 2017.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ARAÚJO, Ludgleydson et. All. **Corpo e velhice**: Em estudo das representações sociais entre homens idosos. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2011, 31(3), p. 468-481.
- BACHELARD, Gastón. **La formación del espíritu científico**. México: Editorial Siglo XXI, 1987.
- BALBINOTTI, Helena B. F. **O que os homens não pensam**. Reflexões psicológicas sobre o comportamento masculino. Porto Alegre: Editora Conceito, 2014.

BALBINOTTI, Helena B. F. **Em busca da arte de viver**: os desafios e os aprendizados para a longevidade no século XXI. Porto Alegre: Gráfica e Editora Pallotti, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, vol. 1.

BEZERRIL, José. O caminho do retorno: envelhecer à maneira Taoísta. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, nº 34, p. 287- 313, jul./dez. 2010.

CÍCERO, Marco Tulio (103 – 43 a.C.) **Saber envelhecer e a amizade**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

DEBERT, Guita. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: FAPESP, 1999.

DELGADO, Josimara. Velhice, corpo e narrativa. In: **Horizontes antropológicos**. Vol. 1, n. 1, Porto Alegre, 1995.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2001.

KOFES, Suely. E sobre o corpo, não é o próprio corpo que fala? Ou, o discurso desse corpo sobre o qual se fala. In: **Conversando sobre o corpo**, Heloisa T. Bruhns (org.), Campinas (SP): Papirus 1989.

LE BRETON, David. **Antropologia del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOVISOLO, Hugo. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, saúde e beleza). In: **A saúde em debate na Educação Física**. Volume 2, Marcos Bagrichesvsky, Alexandre Palma, Adriana Estêvão, Marco Da Ros (Org.). Blumenau (SC): Nova Letra, 2006.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU&EDUSP, 1974.

MORAES, Andrea. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: **História do corpo no Brasil**, São Paulo: Ed.UNESP, 20110.

NOLASCO, Edgar C. & NORONHA, Marina M. de O. Corpo epistêmico na/da fronteira da exterioridade. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, MS, v.2, p. 25-34, jul./dez.2019.

RAICH, R. M. Imagen Corporal. Madrid, Pirámide, 2000. SANT'ANNA, Denise B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCHILDER, Paul. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico. A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

VÍCTORA, Ceres G. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.